

Orações subordinadas sem o complementizador *Que* no Português Clássico

Subordinate clauses without Que in Classical Portuguese

André Luis ANTONELLI
(Universidade Federal de Pelotas)

RESUMO

Neste trabalho, olharemos para orações subordinadas finitas sem o complementizador que no Português Clássico. Nosso objetivo é investigar, dentro de uma perspectiva gerativista, se esse tipo de construção pode ser interpretado como um CP ou um IP complemento. A partir de fatos relacionados à posição do sujeito, à ordem linear de advérbios e à colocação de clíticos, mostraremos que orações encaixadas sem o complementizador que instanciam movimento de V para C, resultando, portanto, na presença da categoria CP.

Palavras-chave: *Português Clássico; orações subordinadas sem que; CP complemento; movimento do verbo.*

ABSTRACT

*In this work, we will look at embedded finite clauses without the complementizer *que* in Classical Portuguese. Our goal is to investigate, within a generative perspective, whether this kind of construction can be interpreted as a CP or an IP complement. Based on facts related to the position of the subject, to the ordering of adverbs and to the placement of clitics, we will show that embedded clauses without the complementizer *que* instantiate V movement to C, resulting, therefore, in the presence of the CP category.*

Key-words: *Classical Portuguese; subordinate clauses without *que*; CP complement; verb movement.*

1. Introdução

No Português Clássico (doravante PCI), particularmente durante os séculos 16 e 17, o complementizador *que* pode ser omitido em orações subordinadas completivas selecionadas por certos verbos. Esse fenômeno é ilustrado logo a seguir, com (1a) exemplificando uma sentença com o complementizador *que* e (1b) exemplificando uma oração subordinada finita sem o respectivo complementizador.

- (1) a. mas entendo [**que** livrava
b. logo entendi [não liurava a enferma,

O objetivo principal deste trabalho é investigar, dentro de uma perspectiva gerativista, a estrutura sintática das orações sem *que*. Mais especificamente, procuraremos detectar se tais construções correspondem a um CP ou a um IP complemento. Para isso, analisaremos três características das orações sem *que*, a saber: i) a obrigatoriedade de sujeitos pós-verbais; ii) o fato de que verbos finitos necessariamente precedem advérbios; e iii) o licenciamento obrigatório da interpolação. A partir desses três fatos, defenderemos que, na ausência do complementizador, há movimento de V para C, resultando, portanto, na presença da categoria CP em orações sem *que*.

O trabalho está organizado da seguinte forma. Na seção 2, contextualizaremos nosso trabalho dentro de uma discussão mais geral já existente na literatura gerativista a respeito de orações sem complemen-

tizador em outras línguas. Na seção 3, apresentaremos as evidências em favor da nossa proposta de movimento do verbo finito para o núcleo C da periferia da sentença sempre que o complementizador *que* está ausente. Concluindo, na seção 4, faremos algumas considerações finais.

2. O debate sobre a presença ou não de CP em orações sem complementizador

No PCI,¹ o complementizador *que* pode ser omitido em orações complemento que são selecionadas por diferentes tipos de verbos, dentre os quais destacam-se verbos de atitude proposicional, tais como *duvidar* e *parecer*, verbos de volição ou de desejo, tais como *querer* e *esperar*, verbos factivos e semi-factivos, tais como *prometer* e *entender*, e verbos dicendi, tais como *dizer*. Isso é ilustrado com os exemplos em (2).

- (2) a. **duvida** [corresponderiaõ os favores de Deus taõ abundantes, (C_002,133.11)²
 b. **parece** [pôdem competir os milagres, (V_004,180.1135)
 c. **ele queria** [se observasse: (B_001,143.1160)
 d. **se espera** [lhe faça grandes mercês. (G_001,94.1377)
 e. **depois promete** [ha-de tomar a todo genero humano, (V_004,101.773)
 f. **veyo a entender** [hauia muyto que cortar (C_002,193,766)
 g. **dissemos** [tinha sempre a cabeceira. (S_001,60.655)

1. A noção de PCI que assumimos neste trabalho é a de uma fase gramatical na história do Português Europeu que se estende do século 14 ao fim do 17 (cf. Galves, Namiuti & Paixão de Sousa 2006). Para a discussão que se iniciará a partir de agora, apresentaremos os resultados de uma investigação realizada em cinco textos de escritores portugueses nascidos nos séculos 16 e 17: i) *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Mártires*, de Luis de Sousa, nascido em 1556; ii) *Gazetas*, de Manuel Galhegos, nascido em 1597; iii) *Sermões*, de António Vieira, nascido em 1608; iv) *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Ellena da Crus*, de Maria do Ceu, nascida em 1658; e v) *A Vida do Padre António Vieira*, de André de Barros, nascido em 1675. Todos esses textos fazem parte da base de dados do Corpus Tycho Brahe, um corpus histórico do Português de livre acesso na rede mundial de computadores a partir do endereço eletrônico <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html>.

2. A informação entre parênteses que aparece em cada exemplo do PCI corresponde à sua identificação no Corpus Tycho Brahe.

No âmbito da literatura gerativista, muito se tem discutido se orações sem complementizador correspondem a um CP ou a um IP complemento. Esse debate é bem ilustrado a partir de exemplos como (3) em Inglês, que admite a omissão opcional do complementizador *that*.

- (3) Judy believes [(that) she will leave tomorrow

Bošković (1997), por exemplo, argumenta que sentenças encaixadas finitas sem o complementizador *that* não projetam a categoria CP, configurando-se apenas como um IP complemento. Isso ocorreria em razão do Princípio de Estrutura Mínima. De acordo com esse princípio, quando duas representações sintáticas manifestam a mesma estrutura lexical e são empregadas na mesma função, dá-se preferência pela escolha sintática que apresenta menos projeções. Bošković assume que, na ausência de *that*, a presença da projeção CP careceria tanto de uma motivação semântica quanto de uma motivação lexical. Assim, em razão do Princípio de Estrutura Mínima, uma representação que projete apenas um IP complemento seria preferida (cf. também Weblehuth 1992 e Doherty 1997).

Uma proposta diferente é desenvolvida em Pesetsky (1995). Esse autor argumenta que todo núcleo lexical (diferentemente de um núcleo funcional) seleciona um CP complemento. Em relação ao Inglês, a idéia é que as construções encaixadas sem *that* correspondem a estruturas nas quais o complementizador é um afixo nulo que deve se adjungir, no componente fonético, ao verbo regente. Dessa maneira, mesmo não havendo material foneticamente realizado no CP encaixado, sua presença seria necessária para uma adequada derivação sintática das sentenças sem o complementizador *that* (cf. também Bošković & Lasnik 2003).³

No que se segue, traremos esse debate para o contexto do PCI, apresentando alguns dados que nos permitam dizer se, na ausência de *que* em orações complemento finitas, estamos ainda diante da presença de um CP ou simplesmente de uma estrutura que projete um IP complemento.

3. A respeito desse debate no tocante a outras línguas, cf., por exemplo, Brovotto (2002) em relação ao Espanhol, Poletto (2001) e Giorgi & Pianesi (2004) em relação ao Italiano e Kishimoto (2006) em relação ao Japonês.

3. A presença da categoria CP em orações sem *que*

O objetivo desta seção é apresentar a proposta de que, no PCI, orações encaixadas sem o complementizador *que* correspondem a estruturas que instanciam movimento de V para C. Para isso, apresentaremos três evidências em favor dessa hipótese.

3.1. Posição do Sujeito

Em orações subordinadas finitas introduzidas pelo complementizador *que*, o sujeito pode tanto preceder quanto seguir o verbo flexionado. Essas duas possibilidades no que diz respeito à ordem linear do sujeito são exemplificadas em (4) e (5), respectivamente (o sujeito encontra-se em itálico, e o verbo, em negrito).⁴

- (4) não advirtio este fidalgo [*que Christo **deixou** a Cezar o que era de Cezar, (C_002,139.106)*
- (5) Pareceu a el-Rei e aos seus [*que lhes **acudia** o Céu com socorro. (S_001,12.33)*

Já nas orações sem *que*, temos um quadro distinto. Se o sujeito dessas construções é realizado foneticamente, sua posição linear é obrigatoriamente pós-verbal.⁵ Esse fato é ilustrado em (6).⁶

4. Em números absolutos, foram coletadas 1429 orações introduzidas pelo complementizador *que*. Desse total, 478 eram com sujeito pré-verbal, 346 eram com sujeito pós-verbal e 605 não apresentavam o sujeito realizado foneticamente. Em termos percentuais, a ordem com sujeito pré-verbal corresponde a 34%, a ordem com sujeito pós-verbal corresponde a 24% e a ordem com sujeito nulo corresponde a 42%.

5. Coletamos 133 orações sem o complementizador. Desse número total, 38 são estruturas com sujeito pós-verbal. Os casos remanescentes correspondem a estruturas com sujeito nulo.

6. Um intrigante exemplo é o que apresentamos em (i), com especial destaque para o trecho em negrito.

(i) Foy seu Pay Dom Antonio Mascarenhas, ramo illustre deste nobilissimo tronco, como Irmaõ do primeyro Conde de Palma, que parece **athe o titulo da caza quiz mostrar o triunfo que nella hauia de ter com tal descendente.** (C_002,133.15)

A princípio, tínhamos interpretado o trecho em negrito como uma oração subordinada sem o complementizador *que*, oração esta selecionada pelo verbo *parece*. Nesta leitura,

- (6) a. pedia [lhe **desse** o *Arcebispo* a praça em seu serviço.
(S_001,70.776)
- b. temer [não **salte** de lá *alguma faisca*,
(S_001,167.1934)
- c. reconheceu [**habitavam** *juntas seis Nações diferentes*,
(B_001,91.727)
- d. parece [**quiz** *Deos* nesta demonstração reprehenderlhe o
enfado, (C_002,176.575)
- e. parece [**fiou** o *Senhor* o pregaõ de seus merecimentos.
(C_002,221.1128)

Uma maneira natural de interpretar a possibilidade de se ter o sujeito em posição pré ou pós-verbal em orações com o complementizador visível é assumindo que o sujeito possa ser alçado para [Spec,IP], como uma forma de satisfazer o traço EPP de I, mas que também possa permanecer numa posição interna a VP onde é inicialmente inserido na derivação, à la Koopman & Sportiche (1991), por exemplo.⁷ Assim, se admitirmos que o complementizador é concatenado em C e que os verbos flexionados nas línguas Românicas sempre sobem, no mínimo, para o domínio de IP em virtude da morfologia rica que apresentam, a ordem com sujeito pré-verbal em (4) seria derivada em razão de movimento do sujeito para [Spec,IP], ao passo que a ordem com sujeito pós-verbal em (5) seria derivada em razão da permanência do sujeito numa posição mais baixa em relação ao verbo. Essas duas possibilidades de derivação são representadas, respectivamente, em (7) e (8).

$$(7) \quad [_{CP} \quad [_{C'} \text{ que }] \quad [_{IP} \text{ sujeito}_i \quad [_{I'} \text{ verbo}_p] \quad [_{VP} t_i \quad [_{V'} t_p]]]]$$

$$(8) \quad [_{CP} \quad [_{C'} \text{ que }] \quad [_{IP} \quad [_{I'} \text{ verbo}_p] \quad [_{VP} \text{ sujeito} \quad [_{V'} t_p]]]]$$

teríamos um sujeito pré-verbal, que seria o sintagma focalizado “athe o titulo da caza”. Entretanto, esse trecho é passível de uma outra interpretação, em que o verbo *parece* seria uma oração parentética, ainda que não sinalizada por vírgulas, e não mais um verbo regente que seleciona uma oração complemento. Essa incerteza fica mais latente considerando que os critérios de pontuação em fases passadas do português nem sempre são idênticos ao da escrita moderna (cf. Ribeiro 1995), fato este que exigiria uma investigação sistemática por si só para determinar se o verbo *parece* é uma oração parentética ou não. Assim, em vista da incerteza quanto à real interpretação do trecho em questão, optamos por não considerá-lo em nossa análise.

7. Numa terminologia mais minimalista, diríamos que o sujeito ou é alçado para [Spec,TP] ou permanece numa posição interna a vP (cf. Chomsky 1995). Aqui, continuaremos empregando ainda os rótulos mais tradicionais, já que, para os propósitos desse trabalho, isso não afetará os resultados de nossa argumentação.

Essas considerações nos permitem lançar um olhar interpretativo interessante sobre o fato de que, em orações sem *que*, a ordem canônica do sujeito é necessariamente pós-verbal. Vamos supor que tais orações são um CP complemento que licencia movimento do verbo para C. Note-se que essa hipótese é derivacionalmente possível já que, em razão de não haver um complementizador visível na periferia da sentença, nada bloquearia, a priori, a subida do verbo para C. Caso isso realmente ocorra, uma das previsões imediatas é a de que o sujeito estará sempre em posição pós-verbal, tenha ele se movido para [Spec,IP] (cf. (9)) ou permanecido numa posição interna a VP (cf. (10)). Uma análise nessa direção explica o porquê de sempre encontrarmos o verbo finito precedendo o sujeito em orações subordinadas sem o complementizador *que*.

(9) $[_{CP} [_{C'} \text{verbo}_p] [_{IP} \text{sujeito}_i [_{I'} t_p] [_{VP} t_i [_{V'} t_p]]]]$

(10) $[_{CP} [_{C'} \text{verbo}_p] [_{IP} [_{I'} t_p] [_{VP} \text{sujeito} [_{V'} t_p]]]]$

Um argumento que parece corroborar essa hipótese é o fato de que, nas orações sem complementizador do PCI, pode-se ter o sujeito posposto entre um verbo auxiliar finito e o verbo lexical, como comprova o exemplo a seguir.

(11) entendendo [lhe **teria** *ella* **encomendado** esta deligencia,
(C_002,157.335)

É interessante notar que o tipo de posposição do sujeito exemplificado em (11) é idêntico ao padrão de inversão do sujeito em orações interrogativas matrizes do Inglês. Nessa língua, como se vê a partir do contraste de (12a) em relação a (12b) e (12c), o sujeito ocorre entre o verbo auxiliar e o verbo principal.

- (12) a. What **has** *Mary* **said**?
b. *What *Mary* **has** **said**?
c. *What **has** **said** *Mary*?

Esse padrão de posposição do sujeito nas interrogativas do Inglês é usualmente analisado como um caso de movimento do verbo para

C, tendo o sujeito sido movido até [Spec,IP] (cf., entre outros, Pesetsky & Torrego 2001, Rizzi 1996, Rizzi & Roberts 1996). Tendo em vista o fato de que o PC1 admite esse tipo de ordem de palavras nos casos de posposição do sujeito das sentenças encaixadas sem *que*, é plausível pensar então que tais orações de fato instanciam movimento de V para C.⁸

3.2. Posição de advérbios

Em orações subordinadas introduzidas pelo complementizador *que*, advérbios podem ocorrer linearmente tanto à esquerda do verbo finito quanto à sua direita. Essa variação é exemplificada a seguir, em que os dados em (13) apresentam advérbios em posição pré-verbal, ao passo que os dados em (14) apresentam os mesmos advérbios em posição pós-verbal (o advérbio encontra-se em itálico, e o verbo, em negrito).

- (13) a. E dizia [que o seguir estremos *sempre* **fora** estranhado dos bons entendimentos; (S_001,110.1289)
 b. e inspirando no coração de seus súbditos [que *também* lhe **tenham** perfeita obediência. (S_001,46.470)
- (14) a. Não nego [que a nobreza, quando está junta com talento, **deve** *sempre* preceder a tudo. (V_004,199.1747)
 b. Consiste em [que no dia do Juízo, se o mundo acaba para mim, **acaba** *também* para todos. (V_004,75.271)

Já nas orações não introduzidas pelo complementizador, os advérbios ocorrem necessariamente à direita do verbo, como se vê em (15).

- (15) a. e pera se espertar usava do remédio da água, que dissemos [**tinha** *sempre* a cabeceira. (S_001,60.655)

8. Um trabalho a ser feito, conforme sugerido por um dos pareceristas, é verificar se sentenças introduzidas pelo complementizador *que* também licenciam um sujeito pós-verbal interpolado entre o verbo auxiliar e o verbo principal. Assumindo-se que essa ordem de palavras resulte de movimento do verbo para C, como defendemos aqui, espera-se que tal sequência linear não seja possível em orações com *que*, já que o complementizador bloquearia o movimento do verbo finito para C. Deixaremos esse tópico para uma investigação sistemática futura.

- b. e conseguiu do imortal, e Augusto Rei Dom João IV [**houvesse** *também* um como Tribunal, ou Junta, a quem unicamente pertencesse o cuidado das Missões, (B_001,171.1384)

Tal assimetria entre orações com *que* e orações sem *que* no tocante à posição de advérbios pode ser facilmente interpretada ante a hipótese de que o verbo finito é alçado para a periferia da sentença nas orações que omitem o complementizador. Dentro da proposta de Cinque (1999) para a estrutura oracional, considera-se que advérbios ocupem o especificador de diferentes projeções funcionais na camada de IP, cada uma correspondendo à noção semântica expressa pelo constituinte adverbial. Com relação a orações com um complementizador visível, deve-se assumir que o verbo finito também está localizado no domínio de IP, já que seu movimento para a periferia da sentença seria bloqueado em razão da presença de *que*. Assim, tendo em vista que um advérbio pode estar associado a diferentes interpretações (cf. Jackendoff 1972) e, conseqüentemente, a diferentes posições estruturais, a variação entre a ordem de palavras “advérbio-verbo” e “verbo-advérbio” pode ser derivada a partir da possibilidade de se ter o mesmo advérbio numa posição mais alta ou mais baixa do que aquela ocupada pelo verbo finito no domínio de IP. Ou seja, a variação estaria relacionada a eventuais diferenças de significado atribuídas aos advérbios, que resultariam em posições estruturais distintas em relação ao verbo.

Já no caso das orações sem *que*, a ausência do complementizador não impediria o alçamento do verbo para o núcleo de CP. Nessa configuração, o verbo finito estará sempre estruturalmente acima de um advérbio, independentemente do valor semântico expresso por este em qualquer que venha a ser sua posição no domínio de IP. Com isso, derivamos a obrigatoriedade de advérbios em posição pós-verbal em orações sem complementizador.

É importante dizer que foram encontrados apenas 4 exemplos com advérbio pós-verbal em sentenças sem o complementizador *que*. Em termos quantitativos, sem dúvida trata-se de um número bastante limitado para assegurar que, na gramática do PCI, advérbios são licenciados necessariamente em posição pós-verbal no contexto de orações sem o complementizador, como aqui fizemos. Nesse ponto, porém,

gostaríamos de fazer menção à situação de duas línguas românicas modernas, em relação às quais não precisamos depender de um corpus para teorizar a respeito da gramática dessas línguas, já que temos acesso à intuição dos falantes, algo que evidentemente não ocorre em relação ao PCI. No Espanhol, por exemplo, certos advérbios podem ocorrer em posição pré-verbal em orações complemento finitas introduzidas pelo complementizador *que*, como exemplificado em (16).⁹

- (16) Lamentó [*que siempre se cuestionen* sus actuaciones
lamentou que sempre se-CL questionem suas atuações
“Ele lamentou que as suas ações sejam sempre questionadas.”

Fato semelhante é observado no Italiano nas orações complemento finitas introduzidas pelo complementizador *che*, como se vê em (17) (cf. Poletto 2001).

- (17) Credo [*che sicuramente lo faccia*
creio que certamente o faça
“Eu acredito que certamente ele faça isso.”

Já em orações sem complementizador, tanto o Espanhol quanto o Italiano licenciam o advérbio apenas em posição pós-verbal. Esse contraste pode ser observado em (18) para o Espanhol (cf. Gallego 2010) e em (19) para o Italiano (cf. Poletto 2001).

- (18) a. Lamento [**cante** *siempre* Luis
lamento cante-3p.s sempre Luis
“Eu lamento que o Luis sempre cante.”
b. *Lamento [*siempre cante* Luis
- (19) a. Credo [lo **faccia** *sicuramente*
creio o-CL faça-3p.s certamente
“Eu acredito que certamente ele faça isso.”
b. *Credo [*sicuramente lo faccia*

9. Dado obtido no endereço eletrônico <http://www.laopinioncoruna.es/gran-coruna/2012/01/29/diputacion-acusa-edil-independiente-vimianzo-obtener-datos-confidenciales/575022.html>. Data de acesso: 20/08/2012.

Essa restrição imposta por línguas como o Espanhol e o Italiano poderia ser interpretada como uma característica geral das línguas românicas que licenciam o fenômeno de orações sem complementizador, a saber, a propriedade de não licenciarem advérbios em posição pré-verbal sempre que o complementizador não é realizado foneticamente. Dentro dessa hipótese, portanto, seria esperado que o PCI também mostrasse o mesmo tipo de restrição, conforme evidenciado em nossos corpus, ainda que numa quantidade pequena de dados.

3.3. *O padrão de interpolação*

Um dos tópicos mais discutidos da gramática do PCI é, seguramente, o fenômeno da colocação de clíticos (cf., entre muitos outros, Martins 1994, Paixão de Sousa 2004 e Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005). Um aspecto interessante a respeito desse fenômeno tem a ver com o fato de que a próclise (clítico em posição pré-verbal), enquanto ordem categórica do clítico em relação ao verbo em diferentes contextos sintáticos, pode ser derivada com o clítico ocupando uma posição final ou na periferia da sentença ou no domínio de IP. Por exemplo, nas interrogativas matrizes *-wh*, contexto este em que a próclise é categórica (cf. (20a)), pode-se dizer que o clítico se encontra na periferia à esquerda da sentença junto com o verbo, tendo em conta que, nesse contexto específico, é obrigatório o movimento de V para C (cf. Lopes-Rossi 1996), como esquematizado em (20b).

- (20) a. *quem me socorre?* (C_002,172.509)
 b. [_{CP} *quem me socorre*_i [_{IP} t_i ...]]

Já em outros ambientes sintáticos, como nas orações complemento finitas introduzidas pelo complementizador *que*, onde a próclise também é categórica, o clítico parece estar adjungido à esquerda do verbo no domínio de IP (cf. (21)). Que o constituinte verbal finito não está em C depreende-se da presença do complementizador, o que bloqueia movimento do verbo para o núcleo de CP.¹⁰

10. Note-se também a presença do sujeito entre o complementizador e o verbo.

- (21) a. Propôs com ardente espírito, **que** o Céu o **chamava** a viver, (B_001,15.138)
 b. [_{CP} **que** [_{IP} o Céu o **chamava** ...]]

Nas orações subordinadas que não manifestam o complementizador, os pronomes clíticos também ocorrem obrigatoriamente à esquerda do verbo finito. Esse padrão categórico de próclise é exemplificado em (22).

- (22) a. sabia [lhe **falavam** a verdade. (S_001,39.389)
 b. pedia em particular [o **encomendassem** a Deus, (S_001,55.596)
 c. Estas são as grandes coisas que sabemos [se **hã**-de ver (V_004,63.26)
 d. e o dizia por mil bocas [o **tinham** feito. (B_001,200.1585)
 e. rogaria às ditozas aparecidas [lhe **pagassem** diante de Deos (C_002,153.282)

Tendo em vista que, a depender do contexto sintático, a posição final do clítico nos casos de próclise pode ser ou no domínio de CP ou no domínio de IP, o fato de se ter próclise de forma categórica nas sentenças sem o complementizador por si só parece não nos dar nenhuma pista quanto à real posição do verbo. Dizemos isso pois, a priori, a ausência do complementizador não pode ser tomada como uma evidência definitiva nem para movimento do verbo para C nem para permanência do verbo em I. O desafio que se coloca então é saber se há alguma evidência independente que permita concluir que a próclise nas sentenças sem o complementizador resulta de subida do constituinte verbal para C ou de permanência do verbo em I. Uma resposta para esse desafio talvez possa ser extraída olhando-se para os casos em que o elemento de negação *não* também está presente. No PCI, pode-se ter ou o clítico precedendo *não*, formando a sequência *clítico-não-verbo* (o que se costuma designar de interpolação), ou o elemento de negação precedendo o clítico, resultando na sequência linear *não-clítico-verbo*. Nas interrogativas matrizes negativas com clítico, tem-se categoricamente a interpolação, como atesta a ordem *clítico-não-verbo* dos exemplos em (23).

- (23) a. **como se não há**-de ter por fortuna de Messias?
(V_004,179.1128)
- b. **porque o não aceitaes** em vosso serviço?
(V_004,202.1825)

Já nas orações subordinadas finitas introduzidas pelo complementizador *que*, a seqüência *não-clítico-verbo* pode ser licenciada, como ilustram os exemplos em (24).

- (24) a. temendo **que** aqueles passos que hauia dado a virtude *não os fisesse* desandar a vangloria; (C_002,144.160)
- b. advirto **que** os prophetas *não se hão*-de conhecer,
(V_004,191.1516)

Os dados em (23) e (24) apontam para a existência de uma correlação interessante: quando se tem movimento do verbo para C, como nas interrogativas *-wh*, o clítico aparece sistematicamente à esquerda de *não*, licenciando assim a interpolação, ao passo que, permanecendo o verbo em I, como nas subordinadas finitas introduzidas pelo complementizador *que*, pode-se ter o clítico à direita de *não*. Cabe destacar que o nosso objetivo aqui não é explicar como as seqüências *clítico-não-verbo* ou *não-clítico-verbo* são formadas, mas sim mostrar que, a depender da posição do clítico em relação ao elemento de negação, pode-se ter uma evidência independente para a posição do verbo.¹¹

Com isso em mente, voltemos a nossa atenção para as orações subordinadas sem o complementizador. Caso o verbo seja alçado para C, é de se esperar que a ordem linear *clítico-não-verbo* seja derivada de forma categórica. Permanecendo o verbo em I, espera-se que a seqüência *não-clítico-verbo* possa ser derivada. No âmbito dos textos que analisamos, das sentenças sem o complementizador *que* manifestando simultaneamente um clítico e o elemento de negação *não*, todas elas apresentam a ordem *clítico-não-verbo* (cf. (25) a seguir), sugerindo, portanto, que essas orações apresentam movimento do verbo para C.

11. Para uma discussão recente a respeito da dinâmica sintática entre *não* e pronomes clíticos no PCI, cf. Namiuti (2008).

- (25) a. requerendo-lhe da parte de Deus, e de Sua Majestade, [lhe *não* **pusesse** impedimento à jornada; (B_001,143.1160)
- b. se atrevo a dizer a seu Pay [se *não* **achava** com resolução de ser Religioza; (C_002,137.60)
- c. mas deixa se entender [lhe *não* **perdoaria** nesta occasião, (C_002,144.165)
- d. he de crer [o *não* **saberia** o seu Director; (C_002,166.447)
- e. e persuadido [a *não* **deixasse** de fazer; (C_002,169.484)
- f. mas consta-me [lhe *não* **pedio** oraçoens; (C_002,174.539)

4. Considerações finais

Neste trabalho, fizemos uma discussão a respeito de orações completivas finitas do PCI que não são introduzidas pelo complementizador *que*. Três fatos relacionados a esse fenômeno foram apresentados: i) a obrigatoriedade de sujeitos pós-verbais; ii) a distribuição de advérbios em relação ao verbo; e iii) o padrão de licenciamento da interpolação. A partir desses três aspectos, mostramos que, nesse período gramatical da história do Português Europeu, construções sem o complementizador correspondem a estruturas que manifestam movimento do verbo para C. Tendo em conta o debate no âmbito da literatura gerativista sobre a estrutura dessas construções, particularmente se correspondem a um CP ou a um IP complemento, os resultados aqui apresentados sugerem que, ao menos em relação ao PCI, estamos diante de orações que projetam a categoria CP.

Cabe dizer que algumas questões igualmente relevantes não foram discutidas aqui, como por exemplo a motivação para o movimento do verbo para a periferia da sentença. Esse tópico será deixado para pesquisas futuras. Outra questão a ser desenvolvida é a comparação sistemática do fenômeno de orações sem complementizador no PCI com outras línguas que também manifestam essa propriedade, a fim de se determinar a existência ou não de traços mais gerais que regulem o funcionamento do fenômeno em questão.

Recebido em agosto de 2011

Aprovado em março de 2014

E-mail: a_antonelli28@yahoo.com.br

Referências bibliográficas

- BOŠKOVIĆ, Željko. 1997. *The Syntax of Nonfinite Complementation*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- BOŠKOVIĆ, Željko & Howard Lasnik. 2003. On the distribution of null complementizers. *Linguistic Inquiry* 34: 527-546.
- BROVETTO, Claudia. 2002. Spanish clauses without complementizers. In Teresa Satterfield, Christina Tortora & Diana Cresti. Eds. *Current Issues in Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- CHOMSKY, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- CINQUE, Guglielmo. 1999. *Adverbs and Functional Heads*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- DOHERTY, Cathal. 1997. Clauses without complementizers: finite IP Complements. *The Linguistic Review* 14: 197-220.
- GALLEGO, Ángel. 2010. *Phase Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- GALVES, Charlotte, Helena Britto & Maria Clara Paixão de Sousa. 2005. The change in clitic placement from classical to modern european portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics* 4(1): 39-67.
- GALVES, Charlotte, Cristiane Namiuti & Maria Clara Paixão de Sousa. 2006. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: Annette Endruschat, Rolf Kemmler & Barbara Schafer-Priet. Eds.. *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag.
- GIORGI, Alessandra. & Fabio Pianesi. 2004. Complementizer deletion in Italian. In: Luigi Rizzi. Ed.. *The Structure of CP and IP*. New York: Oxford University Press.
- JACKENDOFF, Ray. 1972. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- KISHIMOTO, Hideki. 2006. On the existence of null complementizers in syntax. *Linguistic Inquiry* 37: 339-345.
- KOOPMAN, Hilda. & Dominique Sportiche. 1991. The position of subjects. *Lingua* 85: 211-258.
- LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. 1996. *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- MARTINS, Ana Maria. 1994. *Os Clíticos na História do Português*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.

- NAMIUTI, Cristiane. 2008. *Aspectos da História Gramatical do Português: Interpolação, Negação e Mudança*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. 2004. *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- PESETSKY, David. 1995. *Zero Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- PESETSKY, David. & Esther Torrego. 2001. T-to-C movement: causes and consequences. In: Michael Kenstowicz. Ed.. *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- POLETTI, Cecilia. 2001. Complementizer deletion and verb movement in standard Italian.' In Guglielmo Cinque & Giampaolo Salvi. Eds.. *Current Issues in Italian Syntax*. Oxford: Elsevier.
- RIBEIRO, Ilza. 1995. *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico; o Efeito V2*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- RIZZI, Luigi. 1996. Residual verb second and the wh-criterion. In: Adriana Belletti & Luigi Rizzi. Eds.. *Parameters and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2006. On the form of chains: criterial positions and the ECP. In: Lisa Cheng & Norbert Corver. Eds.. *Wh-Movement: Moving On*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- RIZZI, Luigi & Ian Roberts. 1996. Complex inversion in French. In Adriana Belletti & Luigi Rizzi. Eds.. *Parameters and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press.
- WEBELHUTH, Gert. 1992. *Principles and Parameters of Syntactic Saturation*. New York: Oxford University Press.